

AS MARIAS NA MACROTOPONÍMIA SERGIPANA: A IGREJA E O PODER

Cezar Alexandre Neri Santos (UFS)
cezarneri@hotmail.com

1. *Justificativa*

Pretende-se expor a presença da entidade religiosa *Maria* na macrotoponímia sergipana. De cunho histórico-interdisciplinar a partir da perspectiva linguística, este trabalho analisa o fenômeno toponomástico de nomeação de *Maria*, a mãe de Jesus, nos municípios sergipanos. Mostrar-se-á que tais municípios não foram determinados aleatoriamente, mas que sua formação perpassa por um emaranhado de significações históricas por vezes esquecida ou desconhecida.

Para elaboração do estudo, fundamenta-se o referencial teórico em autores como Dick (1992), que embasa a análise taxonômica, além de documentos históricos sobre Sergipe e seu processo de ocupação, uso e posse. Centralizar-se-á aqui nos hierotopônimos.

Há uma classe dentro da taxonomia de Dick (1992) denominada hierotopônimos. Estes dizem respeito aos topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Essa categoria subdivide-se em *hagiotopônimos* - nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano, objetos específico de estudo do presente trabalho, e *mitotopônimos*, que se referem às entidades mitológicas – ex.: Exu, em Pernambuco. A ocorrência de mitotopônimos inexistente no escopo pesquisado nos municípios sergipanos. Isso também demonstra o poder da Igreja Católica ao impedir a penetração de outras denominações religiosas no léxico.

A partir da listagem dos municípios sergipanos atuais, nota-se o grande número de cidades em honra ao hagiológico católico romano, especialmente a Nossa Senhora, nas suas diversas denominações. Ao pesquisar outros trabalhos acadêmicos que dialogam com o presente, percebe-se que também há preocupação de entender esse fenômeno alhures, a saber Carvalhinhos (2005; 200?) e Ramos (2007).

Na primeira, há uma justificativa compatível com a do presente trabalho:

[...] investigar por que uma única entidade sagrada recebe tantas denominações (referimo-nos ao nome específico, que a Igreja denomina *título*), além de tentar criar, na medida do possível, tipologias que congregassem os vários núcleos semânticos contidos nos títulos de Nossa Senhora. Essas tipologias foram absolutamente necessárias para que se evidenciassem as relações semânticas dentro dos sintagmas toponímicos.

Não apenas o léxico expõe a materialidade do poder religioso nas cidades sergipanas. Qualquer um que adentre nos municípios que possuam os nomes de Maria encontrará no ponto inicial da cidade estátuas em tamanho ampliado (imagens). Estes símbolos religiosos representam, bem como o relógio dos 500 anos do ‘descobrimento’ do Brasil (GREGOLIN, 2003), monumentos de sentido.

1.1. Caracterizando o ato toponímico

Nomear é uma atribuição linguística e característica inata ao ser humano. Demonstrar um sentimento de pertença e as características singulares dos locais fazem parte da ação toponímica. Esse ato denominativo perpassa um signo linguístico especial, portador de motivação e de significação semântica particulares, pois agem como reflexo de características físicas e/ou socioeconômico-cultural do ambiente designado.

Dick escreve que o signo toponímico se configura

como um signo duplamente motivado, pois além de seu motivo semântico possui o motivo do denominador, ou seja, a intencionalidade (quer objetiva, quer subjetiva) que resultou na eleição de uma lexia e não outra para compor aquele enunciado. Essa escolha condiciona-se, muitas vezes, à cultura do grupo. (*apud* CARVALHINHOS, 2010, p. 2463-4)

A ação nomeadora é objeto de estudo de um ramo da linguística: a Onomástica. À Toponímia, que juntamente com a Antroponímia são subáreas da Onomástica, cabe o interesse pelos itens lexicais que designam os lugares ou acidentes geográficos – os topônimos. A escolha dos topônimos pode ser motivada por diversos fatores, tais quais: geográficos, históricos, culturais, religiosos etc. Somada a essas motivações, encontra-se a subjetividade do denominador, que conscientemente ou não, irá depositar em sua escolha traços de sua

percepção. Esse conjunto é responsável por manter viva a memória cultural da sociedade, além de ser o retrato da relação homem, ambiente, língua e cultura, como sustentou Sapir (1969, p. 44) na qual “a língua de qualquer povo servirá como reflexo de seu meio e de sua cultura, pois eles se influenciam mutuamente”.

2. Ocupação de Sergipe e igreja católica: histórias que se confundem

Segundo Oliva e Santos (2002), antes de se tornar um território da Coroa Portuguesa, as terras que iam da Baía de Todos os Santos até o rio São Francisco eram posse do português Francisco Pereira Coutinho. Localizada entre as prósperas capitânicas da Bahia e de Pernambuco, o território sergipano foi dominado tardiamente pela metrópole europeia – somente no final do século XVI – sendo até então controlado por tribos indígenas. Ao tentar fugir da ameaça de escravidão nos engenhos de colonos portugueses, tais tribos pediram ao governo-geral que

[...] enviasse missionários às suas aldeias, o que aconteceu no ano de 1575, com a vinda de padres jesuítas. Sob a chefia do padre Gaspar Lourenço, os religiosos, que vieram da Bahia, percorreram aldeias ensinando a língua portuguesa e os princípios da religião cristã. Por onde passavam os missionários erguiam igrejas [...] (OLIVA e SANTOS, 2002, p. 23)

A primeira povoação de Sergipe foi onde hoje está a antiga capital do estado, São Cristóvão. O banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) descreve que

[...] após subjugar o gentio a 1.º de janeiro de 1590 e levantar o forte Cotenguiba, junto à foz do rio Sergipe, Cristóvão de Barros fundou a primitiva povoação, sob a denominação de Cidade de São Cristóvão de Sergipe d'EI Rei.¹

Acima, vimos que é fato comum a nomeação de localidades com hierotopônimos, ou seja, santos ou entidades religiosas como forma de “proteção ao lugar referido”, assim como quando pais nomeiam seus filhos com santos homônimos. O donatário poderia até ter denominado a povoação de São Cristóvão com seu nome – constituindo um antropotopônimo (ex: Tobias Barreto, Simão Dias), mas

¹ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

o fez em alusão ao santo católico. Isso demonstra novamente o poder exercido pela Igreja tanto na esfera política quanto individual, enquanto força espiritual humana. É o indivíduo/grupo ofertando a terra à proteção divina.

Tal ocorrência se mostrou presente e constante nos topônimos sergipanos. Datado de 1808, o documento *Memória sobre a capitania de Sergipe*, do bispo Dom Marcos Antônio de Souza, que fora vigário da Freguesia de Jesus, Maria e José de São Gonçalo do Pé de Banco (Siriri), relata sobre a divisão espacial sergipana do começo do século XIX:

Alcançava, na época, a população de Sergipe 72.236 habitantes, sendo 20.300 brancos, 19.954 negros, 1.440 índios e 30.542 raças combinadas (mestiços). Vê-se quão dizimados foram os habitantes primitivos. Existiam sete vilas: Santa Luzia, Geru, Santo Amaro das Brotas, Própria, Nossa Senhora da Piedade de Lagarto, Santo Antônio e Almas de Itabaiana e Vila Nova do Rio São Francisco. Sobressaíram-se as povoações de Laranjeiras e Estância. (NUNES, 1978, p. 25).

Vemos aqui nomeações instituídas em língua portuguesa, como demonstração de poder sobre a língua geral – nhengatu, a língua franca no Brasil da época. Fato curioso é a tendência contrária no século seguinte, no qual as línguas indígenas são utilizadas na nomeação de vários municípios sergipanos. Ao apagar um símbolo identitário tão poderoso quanto a língua de um grupo, os portugueses mascaram uma unificação nacional com a Língua Portuguesa e destroem marcas socioétnico-culturais². Ver o índio como estrangeiro em sua própria terra é um dos resultados desta ação³.

3. *Hierotopônimos na macrotoponímia sergipana*

Dos 75 municípios atuais no estado de Sergipe, localizado no nordeste brasileiro, a presença dos hierotopônimos é marcante. Não só por se tratar de um estado do Nordeste, mas por, como descrito anteriormente, a posição de destaque da instituição católica em Sergipe ser historicamente bem explícita.

² Atualmente, dos 75 municípios sergipanos, 23 possuem nomes indígenas (30,6% do total).

³ Eni Orlandi (1997) trabalha bem a questão do apagamento cultural.

Carvalhinhos (2005) também pontua uma expressão exclusiva da toponímia brasileira, na qual Maria recebe aqui o pronome possessivo *Nossa*, enquanto que, em Portugal, o designativo geralmente se apresenta *Senhora das Graças* em vez de *Nossa Senhora das Graças*. Sergipe, obviamente, não fica fora desta tendência brasílica.

Sobre tal dado, acreditamos que a forma composta difundida no Brasil, pelo uso gramatical do possessivo *nossa*, acaba criando um elo entre o *eu* discursivo, enunciador, e o objeto enunciado, a *senhora*. Este elo, que gramaticalmente denota relação ou posse, diminui a distância entre enunciador e objeto, sendo mais íntimo, a nosso ver, que o termo *Senhora* ou *Virgem Maria*. (CARVALHINHOS, 200?)

Topônimos atuais em homenagem à Maria (7 municípios – 10,7% do total), a saber, Divina Pastora, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora do Socorro e Rosário do Catete.

A referência a esses topônimos se dá de forma regressiva. Com exceção de Divina Pastora, todos são mais conhecidos e designados por seu termo específico. Destarte, Nossa Senhora da Glória é tratado simplesmente por Glória, Nossa Senhora (N. Sra.) das Dores por Dores e assim sucessivamente. O mesmo processo será feito pelo autor neste trabalho.

3.1. Divina pastora

A cidade de Divina Pastora, a 40 quilômetros da capital Aracaju, tem se destacado como aquela que recebe a maior romaria no Estado. Milhares vão até a igreja matriz da cidade nos meses de Maio e Outubro, numa procissão de 9 quilômetros. Em devoção à Nossa Senhora Divina Pastora, vários romeiros, inclusive de estados circunvizinhos, vão em caravanas festejar essa celebração de fé católica.

Sergipe é citado em número considerável nos *websites* em homenagem a divindades. Isso demonstra o quanto a toponímia reflete fatores sócio-histórico-culturais e permite o conhecimento, até não espontâneo do território a partir do signo toponímico. Conhecer-se-á mais da cosmovisão e ideais dos povos, seus rituais e até curio-

sidades sobre a terra. Explicitamos duas citações que remetem ao município a partir dessa devoção mariológica.

A Igreja Matriz de Divina Pastora, em Sergipe, construída no século XIX, herança dos frades missionários, é um outro testemunho eloquente da presença missionária. O seu teto reserva-nos a mais expressiva obra do pintor baiano José Teófilo de Jesus, fiel pintor da visão de frei Isidoro. Pode-se afirmar, com segurança que é a maior pintura painelista de Sergipe.⁴

[...] Já no Brasil até existe, no estado de Sergipe, uma cidade chamada Divina Pastora, elevada a vila em 1836, e cuja Igreja Matriz é dedicada a Nossa Senhora sobre esta invocação⁵.

Ladeira, um ergotopônimo (Dick, 1992), é a denominação inicial para a atual Divina Pastora. Nota-se desde cedo a presença da igreja católica na região – fato comum há todas as regiões do Estado, o que justifica essa mudança toponímica para Nossa Senhora Divina Pastora.

Não há registro do tempo exato em que a povoação Ladeira, nome dado inicialmente ao município de Divina Pastora, começou a se formar, mas há um fato que pode indicar uma data aproximada. Quando o vigário Manoel Carneiro de Sá tomou posse da paróquia de Siriri, em 18 de fevereiro de 1700, a freguesia de Ladeira já existia. (*ibidem*)

Segundo o IBGE (2008), o distrito é criado com a denominação de Nossa Senhora da Divina Pastora, pela lei provincial de 31/05/1833. Uma segunda mudança toponímica acontece em meados do século XX, quando Nossa Senhora da Divina Pastora passa a ser denominada simplesmente Divina Pastora. Há aí a conservação lexical de elementos formantes do topônimo anterior, na qual o novo topônimo preserva alguma base do anterior.

Quadro diacrônico da mudança toponímica: Ladeira > Nossa Senhora da Divina Pastora > Divina Pastora.

⁴ *Divina Pastora*. Disponível em: <<http://www.divinapastoramadeira.blogspot.com>>. Acessado em: 27 jun. 2010.

⁵ *Nossa Senhora Divina Pastora*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_Divina_Pastora>. Acesso em: 27 jun. 2010.

3.2. Nossa Senhora Aparecida

O município de Nossa Senhora Aparecida, no sertão sergipano, com 8.123 habitantes, foi criado em 26 de novembro de 1963, com a denominação de Cruz das Graças e sede no povoado Cruz do Cavalcante, desmembrado do município de Ribeirópolis pelo decreto-lei estadual n.º 1.233 (IBGE, 2008).

Em 1975 foi mudada a denominação do município para Nossa Senhora Aparecida pela lei Estadual n.º 165-A, de 24 de dezembro de 1975, passou ao atual topônimo, o qual permanece até hoje. A mudança toponímica aconteceu dentro da própria taxa (Dick, 1992), demonstrando uma tradição religiosa a região. Para homenagear a padroeira do Brasil, o município passa a ter mais um hierotopônimo mariano.

3.3. Nossa Senhora da Glória

Segundo fontes precárias⁶, a primeira povoação na região da atual cidade recebeu o nome de Boca da Mata (somatotopônimo), dado pelos viajantes que descansavam no local. Por volta de 1600 a 1620, os ranchos ali existentes formaram uma povoação. Posteriormente, a localidade foi rebatizada quando o pároco Francisco Gonçalves Lima, fez uma campanha junto aos moradores para aquisição de uma imagem de Nossa Senhora da Glória.

Sua primeira denominação, “Boca da Mata”, segundo relatam os gliorienses mais idosos, deu-se por conta desses viajantes, pois tinham medo de seguir suas rotas durante a noite e ali, na entrada da mata, dormiam. Disso surgiu uma expressão que se tornou comum entre eles: “dormir na boca da mata”. Daí a origem da toponímia.

⁶ *Nossa Senhora da Glória*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Glória>. Apesar de o site *Wikipedia* compor uma biblioteca *on-line* aberta, os dados aqui colhidos têm como fonte principal relatórios feitos pela Universidade Tiradentes, universidade renomada no estado, baseados no IBGE (1991-1996) cedidos pela Secretaria Municipal de Educação, Esporte, Cultura e Lazer de Nossa Senhora da Glória.

Em 1922, a lei nº 835 de 6 de fevereiro, constituiu o então povoado “Boca da Mata” como “Nossa Senhora da Glória”. Em 26 de Setembro de 1928, deu-se a emancipação política do município.

O nome Nossa Senhora da Glória, segundo informam as pessoas mais antigas do lugar, foi iniciativa do Pe. Francisco Gonçalves Lima, seu primeiro capelão, que trouxe a imagem da referida santa, consagrada então padroeira do lugar, e o sino para a primeira capela. (IBGE)

3.4. Nossa Senhora das Dores

Também chamada Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Soledade, Nossa Senhora das Angústias, Nossa Senhora das Lágrimas, Nossa Senhora das Sete Dores, Nossa Senhora do Calvário ou ainda Nossa Senhora do Pranto, e invocada em latim como *Beata Maria Virgo Perdolens*, ou *Mater Dolorosa*, é um dos plúrices títulos pelos quais a Igreja Católica venera a Virgem Maria, sendo sob essa designação particularmente cultuada em Portugal.

Essa veneração chegou até o Brasil, sendo grande o número de topônimos com tal denominação. Especificamente quanto ao município sergipano,

[...] mantém a tradição religioso-cultural já centenária dos penitentes. O movimento adquiriu um cunho religioso a partir de promessas feitas por pessoas que viam na penitência a maneira mais correta de agradecer as graças recebidas. Apenas homens são recebidos no grupo dos penitentes. Eles ficam envoltos em túnica e capuz brancos, cobrindo todo o corpo e rosto. Toda Sexta-Feira da Paixão eles percorrem cruzeiros e santas cruzes do subúrbio da cidade, durante um período de sete anos seguidos, entoando preces e cânticos em intenção das almas sofredoras.⁷

Segundo Laudelino Freire, Dores, que fica no agreste sergipano, a 72 quilômetros da capital, no início, chamou-se Enforcados, em virtude de ali terem sido sacrificados alguns gentios que habitavam a região. Com a chegada de um religioso, pregador da Santa

⁷ *Nossa Senhora das Dores (Sergipe)*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_das_Dores_\(Sergipe\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_das_Dores_(Sergipe))>. Acesso em: 27 jun. 2010

Missão, o topônimo foi mudado para Nossa Senhora das Dores. (apud IBGE, 2008)

Vemos aqui mais uma mudança toponímica motivada por um religioso forasteiro – geralmente um jesuíta português, que para remeter à devoção de um santo do hagiolôgio católico, nomeia a cidade com uma denominação mariana: Enforcados (Animotopônimo ou Nootopônimo) > Nossa Senhora das Dores (hierotopônimo).

3.5. Nossa Senhora de Lourdes

A povoação deste município, a 136 quilômetros da capital Aracaju, cresceu ao redor da Lagoa das Antas, e recebeu esse nome por causa da grande quantidade desse animal na região. O casal pernambucano que primeiro explorou a região, por volta de 1810, Joaquim José e Ana Josefa da Rocha, fugiu da seca que assolava o sertão pernambucano. Ao chegar a uma grande lagoa onde existia uma considerável quantidade de antas (mamífero que chega a dois metros de altura), resolveram fazer morada.

Em 1950, o lugar denominado anteriormente de Lagoa das Antas passou a se chamar Arraial de Antas. Na década de 1960, o distrito é criado com a denominação de Nossa Senhora de Lourdes, um ex-povoado, pela lei estadual nº 554, de 06-02-1954, subordinado do município de Canhoba. Elevado à categoria de município com a denominação de Nossa Senhora de Lourdes, pela lei estadual nº 103-A, de 13-05-1963.

O povo lourdense possui uma das mais fortes ligações de fé com Nossa Senhora. A padroeira e atual topônimo da cidade possui uma histórica relação com a comunidade, que encontra na imagem da santa de Lourdes sinais de esperança. Segundo IBGE (2008), não se sabe ao certo quando foi descoberta a gruta que abrigava a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, no bairro Coqueiros, gruta esta natural com enormes pedras onde filtrava água e que para chegar nela, havia necessidade de atravessar um riacho. Essa gruta era onde o povo [...] ia passear rezar e captar água, onde muitos afirmavam ser "Benta" e "milagrosa", faziam churrascos, aniversários e outros eventos.

Essa relação de devoção, que perpassa o léxico enquanto reflexo cultural, pode ser notada nas reações do povo quanto a essa imagem da padroeira e sua representatividade.

[Dois namorados] chegaram a casa, deu aquele estrondo, muito forte mesmo, chamando atenção da comunidade; [...] Apavorados chegou à notícia: Desmoronou a Gruta... Todos ficaram entristecidos, afinal, além de ser um local religioso, também de laser (*sic*).

Temos aí duas mudanças toponímicas: Lagoa das Antas (hidrotopônimo) > Arraial das Antas (poliotopônimo) > Nossa Senhora de Lourdes (hierotopônimo). Esse município põe em destaque que a tradição de denominação por tradição religiosa é também um fenômeno recente, mesmo com o contínuo crescimento de protestantes e autodenominados não religiosos.

3.6. Nossa Senhora do Socorro

A apenas 8 km e Aracaju, com a segunda maior população do estado e cidade-dormitório da capital, Nossa Senhora do Socorro possui considerável força política e constitui mais um município cuja devoção do padroeiro é destinada a *Maria, mãe de Jesus*.

Uma lei se refere à regulamentação feita durante o Estado Novo, regime ditatorial implantado pelo então presidente Getúlio Vargas, no qual os municípios brasileiros não poderiam ter homônimos. Antes mesmo desta lei federal, o historiador sergipano Luiz Antonio Barreto descreve que

[...] em 1943 o Departamento Estadual de Estatística, dirigido por João Carlos de Almeida, preparou um projeto de mudança de nomes de vários municípios sergipanos, para evitar que existissem no Estado 20 localidades homônimas de outras anteriormente existentes no País⁸.

De acordo com as alterações ocorridas a partir das leis supracitadas, não houve mudanças substanciais nos hierotopônimos marianos sergipanos. Entretanto, o município de *Socorro* foi atingido. Nem todos remetem à Cotinguiba, nome do rio que corta a cidade,

⁸ In BARRETO, Luiz Antonio. *Nomes & homenagens*. s/d. Disponível em: www.sindipetroalse.org.br/site/images/stories/visite%20aracaju/NOMESHOMENAGENS.doc. Acesso em: 25 jun. 2010.

designação primeira desta localidade ao mencionar o município, cujo nome primitivo foi *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tomar da Cotinguiba*.

Nossa Senhora do Socorro de Cotiguiba⁹ (*sic*) para Socorro alterado, pela lei provincial de 1902-1835. Socorro para Cotiguiba (*sic*) alterado pelo decreto-lei estadual ° 377, de 31-12-1943, revogado pela lei n° 533, de 07-12-1944.

Entretanto, por vezes, a mudança toponímica incitada por intervenção do Poder Público “nem sempre [as mudanças sistemáticas] impostas são bem aceitas pela população, gerando protestos que levam o Poder Público a restaurar a nomenclatura anterior”. (RAMOS, 2007)

Em 31 de dezembro de 1943 passou a ter a denominação de Cotiguiba (*sic*), por força da Legislação Federal que proibia a duplicidade de nomes dos municípios brasileiros. O novo topônimo era usado somente em documentos oficiais nunca chegando a linguagem do povo, e, por isso, atendendo a tal motivo, os poderes constituídos do Estado através da Lei estadual n° 554, de 6 de fevereiro de 1954, fizeram-no voltar a denominar-se Nossa Senhora do Socorro. (IBGE, 2008)

Temos aí o seguinte quadro:

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tomar da Cotinguiba
> Nossa Senhora do Socorro de Cotinguiba > Socorro > Cotinguiba
> Nossa Senhora do Socorro.

3.7. Rosário do Catete

Além de ser um topônimo brasileiro, outras nações possuem topônimo homônimo, há exemplo de Argentina e Espanha. Especificamente quanto ao sergipano, cita o histórico da cidade, segundo o IBGE, que

[...] as terras ocupadas pela Cidade de Rosário do Catete pertenciam ao antigo engenho Jordão, de propriedade de Jorge de Almeida Campos, que as doou para construção da capela de Nossa Senhora do Rosário, i-

⁹ O site do IBGE descreve erroneamente Cotiguiba em vez de Cotinguiba. Tal ocorrência permite a discussão da toponímia como relevante meio de identificação de uma comunidade. Os órgãos oficiais devem ser os primeiros a resgatar e preservar de maneira cuidadosa sua história, inclusive no aspecto ortográfico.

magem que teria sido encontrada por escravos, nas matas adjacentes. (IBGE)

Desde os primórdios da povoação, a devoção por Nossa Senhora do Rosário se mostra presente. O que talvez não se apresente, num primeiro momento, é a presença dessa devoção a partir deste signo toponímico. Isso porque muitos imaginam que Rosário designa um antropotopônimo, não a santa. Ao visitar a cidade, por outro lado, a presença imediata de um enorme rosário (instrumento usado para rezar o terço três vezes) denota a relação léxico e identidade cultural.

Entretanto, esse signo toponímico possui algo de característico: a tentativa, mesmo que parcial/temporária, de apagamento do discurso religioso. Essa laicização vai à contramão do fluxo diacrônico dos topônimos, não apenas dos sergipanos. Note-se esse processo:

Nossa Senhora do Rosário do Catete para simplesmente Rosário alterado, pelo decreto estadual nº 113, de 12-07-1932. Rosário para Rosário do Catete alterado, pelo decreto estadual nº 377, de 31-12-1943, revogado pelo decreto de nº 533, de 07-12-1944.

No primeiro caso, a mudança toponímica: hierotopônimo > antropotopônimo, através do silenciamento parcial pelo governo das marcas religiosas. É o governo formulando alterações no campo de políticas linguísticas durante o período do presidente Getúlio Vargas.

Com a lei federal de 1943 supracitada, para diferenciação com Rosário no Maranhão, temos a implantação do denominativo 'Catete', cuja motivação é incerta. Nem o site oficial do IBGE dispõe informações sobre a questão. Contudo, muito esclarecedor é o hipertexto abaixo:

Nada, absolutamente nada de oficial existe para explicar o nome Catete, mas existem indícios fortes. Catete é uma espécie de milho comum na região. Catete vem de caititu (tupi-guarani) que quer dizer "porco do mato", animal encontrado naquelas terras. Catete significa reduto de escravos (em Rosário eles eram milhares). E catete era nome de um dos engenhos do Barão de Maruim¹⁰.

¹⁰ *Rosário do Catete*. Disponível em: <<http://wikimapia.org/9614505/pt/Rosário-do-Catete>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

Bem, como é explícito, um dos dois municípios cujo signo toponímico mariológico não mais possui a configuração *Nossa Senhora de(a)*.

3.8. Caso especial: O município de Itaporanga d'Ajuda

Além destes seis, o município de *Itaporanga d'Ajuda* também alude a Maria. Esse topônimo faz menção a Nossa Senhora da Ajuda, como descrito no site do IBGE (2008).

Em consequência, somente em 1845, a povoação atingiu categoria de freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora da Ajuda de Itaporanga. O Município surgiu em 1854, passando a sua sede à vila e muito mais tarde à cidade sempre com o topônimo de Itaporanga, vocábulo de origem tupi que significa pedra bonita (ita-pedra, poranga-bonita). Em 1944, atingido pela legislação federal que proibia duplicidade de nomes, passou a se chamar Irapiranga por determinação do Decreto-lei estadual n.º 533. A partir de 1.º de janeiro de 1949 adotou a denominação de Itaporanga d'Ajuda por força da Lei estadual n.º 123. (*ibidem*)

A perspectiva diacrônica deste topônimo permite notar a recuperação tanto do nome indígena original – Itaporanga – quanto do primitivo designativo religioso, a padroeira da cidade – Nossa Senhora da Ajuda. Ao contrário do processo comum, houve aqui o resgate do indianismo.

3.9. Hierotopônimos não marianos em Sergipe

Outros 13 municípios aludem a santos católicos, a saber: Frei Paulo, Santa Luzia do Itanhy, Santa Rosa de Lima, Santana do São Francisco, Santo Amaro das Brotas, São Cristóvão, São Domingos, São Francisco, São Miguel do Aleixo, Cedro de São João, Amparo de São Francisco, Canindé de São Francisco, Carmópolis. Assim, os hierotopônimos atuais no estado perfazem um total de dezenove (25,3% dos topônimos atuais), dos quais 7 (36,8%) dos hierotopônimos sergipanos referem-se ao culto mariológico, explicitando a forte relação com a entidade *Maria*, argumento exposto em todo esse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Hierotoponímia portuguesa: os nomes de Nossa Senhora. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/16/09.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

_____. Intersecções línguo-culturais na onomástica: a questão religiosa. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_368.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2010.

_____. *Hierotoponímia portuguesa*. De Leite de Vasconcelos às atuais teorias onomásticas. Estudo de caso: as Nossas Senhoras. 2005. (Doutorado pelo programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral – Departamento de Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.

DICK, Maria Vicentina. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e Mídia*. A cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

NUNES, Maria Thetis. *História de Sergipe a partir de 1820*. [s/l.]: Cátedra / MEC, 1978

OLIVA, Terezinha. A.; SANTOS, Lenalda Andrade. *Trajetória histórica de Sergipe*. São Paulo: Ática, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et alii. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Processos de mudança toponímica e sua abordagem pela teoria da variação e mudança linguística*. 2007, Ano 13, nº 38

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. *Linguística como ciência*. Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969, p. 43-62.